

PRODUÇÃO DO TERRITÓRIO TURÍSTICO EM REGIÃO DE CONFLITO AGRÁRIO: O CASO DE ROSANA-SP

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a produção do território pelo turismo, especialmente os assentamentos rurais do município de Rosana-SP. Para este estudo de caso foi utilizado a pesquisa da literatura pertinente e entrevistas semiestruturadas, com roteiro elaborado previamente, pois isso possibilita flexibilidade à pesquisadora em inserir questões surgidas no andamento da entrevista. Os sujeitos são os organizadores das manifestações culturais que configuram as territorialidades culturais, tais como Roda de viola, folia de reis, bem como os gestores relacionados com os atrativos já formatados, como o Museu de Memória Regional, a Usina Hidrelétrica, além da gestão municipal para o turismo. Com as análises das entrevistas concedidas e da observação verificou-se que o turismo poderia contribuir para a valorização das territorialidades culturais e patrimoniais.

Palavras – chave: Turismo no Espaço Rural. Assentamentos Rurais. Rosana.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the production of territory by tourism, especially the rural settlements of Rosana -SP municipality. For this case study was used the literature search and semi-structured interviews with a script prepared in advance, as this flexibility allows the insert issues that arising in the course of the interview by the researcher. The subjects are the organizers of cultural events that shape the cultural territoriality, such as wheel viola, revelry of kings and managers related to the attractions already formatted, such as the Regional Museum of Memory, the power plant, as well as municipal management for tourism. With the analysis of the granted interviews and observation it was found that tourism could contribute to the enhancement of cultural and heritage territoriality.

Keywords: Rural Tourism. Rural Settlements. Rosana.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar la producción del territorio por el turismo, especialmente los asentamientos rurales del municipio de Rosana-SP. Para este estudio de caso se utilizó para buscar en la literatura y entrevistas semi-estructuradas con un guión preparado de antemano, ya que esta flexibilidad permite al investigador para insertar cuestiones que surjan en el curso de la entrevista. Los temas son los organizadores de los eventos culturales que dan forma a la territorialidad cultural como la viola de rueda, la juerga de los reyes y los gestores relacionados con las atracciones ya formateados, como el Museo del Memoria Regional, la Planta de Energía Hidroeléctrica, así como la gestión municipal para el turismo. Com los análisis de las entrevistas concedidas y observación encontraron que el turismo puede contribuir a la mejora de la territorialidad cultural y patrimonial.

Palabras - clave: Turismo Rural. Asentamientos Rurales. Rosana.

Clediane Nascimento Santos
E-mail: cle26santos@gmail.com.
Estudante de Doutorado e Bolsista
FAPESP do curso de Pós
Graduação em Geografia da
UNESP – Universidade Estadual
Paulista - Campus de Presidente
Prudente, (UNESP/FCT).

Profa. Dra. Rosângela Custodio
Cortez Thomaz
E-mail: rocortez@rosana.unesp.br
Orientadora. Docente da UNESP –
Univ. Estadual Paulista, Rosana/SP.
Coordenadora do Grupo de Estudos
e Pesquisa em Turismo no Espaço
Rural – GEPTER.

INTRODUÇÃO

A região do Pontal do Paranapanema tem em sua estrutura territorial a concentração de assentamentos de reforma agrária, e por esse motivo, foi um espaço marcado, ao longo dos anos, pela atuação de movimentos sociais. Dessa forma, os assentamentos do Município de Rosana fazem parte desse processo de construção espacial e territorial.

Segundo dados históricos, apesar das terras do Pontal serem obtidas por meio de grilagem, houve o loteamento de terrenos, e em consequência disso, surgiram alguns dos povoados (LEITE, 1998).

Em razão dessas posses ilegais, o século XX foi assinalado pelas disputas de terra nessa região, que foram na grande maioria violentas, em virtude do enfretamento dos jagunços contratados pelos supostos proprietários, tais como, os posseiros, os grileiros contra os sujeitos dos movimentos sociais. Estas irregularidades não inibiram a criação e o crescimento de povoados, principalmente aqueles que estavam relacionados ao cultivo do café e que necessitavam da ferrovia para escoar o produto (FERRANTE; BARONE; BERGAMASCO, 2005).

Outro fator histórico que merece destaque nessa região foi a expansão da pecuária, já que esta colaborou para uma degradação maior dos elementos naturais característicos da paisagem, o aumento significativo da concentração fundiária e diminuição da população rural, que foi buscar emprego em centros urbanos (SÃO PAULO, 1999).

Em virtude dos fatos mencionados, que os movimentos sociais se inseriram no Pontal do Paranapanema e influenciaram na criação de inúmeros assentamentos. Esses movimentos, tais como, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Agricultores Sem Terra (MAST), Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, além de tantos outros, tiveram na luta pelo acesso a terra sua principal reivindicação e isso contribuiu para que essa região fosse conhecida nacionalmente pelos conflitos agrários que existiram.

Nesse contexto, são implantados no Município de Rosana 4 assentamentos, são eles, Gleba XV de Novembro, Nova Pontal, Bonanza e Porto Maria, todos originários ou reflexos desse processo conflituoso, e que tiveram a participação dos movimentos sociais. Contudo, serão abordados nessa pesquisa, somente o primeiro, sobretudo pela presença dos sujeitos das territorialidades.

Segundo dados do Dataluta (2013), essa região possui um número significativo de assentamentos rurais, perfazendo um total de 112 assentamentos, onde o número de famílias assentadas, até 2012 era de 5.892, com destaque para os municípios de Mirante do Paranapanema, com 1546 famílias, Teodoro Sampaio, com 867 e Rosana, com 711 famílias. Observou-se que, ao contrário dos dois primeiros que possuem respectivamente 35 e 21 assentamentos, o Município de Rosana apesar de possuir somente 4 assentamentos, conta com representativa quantidade de famílias assentadas.

A partir da pesquisa com os assentados deste Município percebeu-se que, os assentados constituíam-se, não tão somente em pequenos produtores rurais, que mantinham seu sustento a partir da diversidade de atividades agropecuárias, mas também de sujeitos que vieram de diferentes cidades brasileiras, em busca de melhores condições de vida, e que, ao se juntarem para lutar pelo direito a terra, conquistaram um pedaço de chão e igualmente o direito de reconstruírem suas vidas.

A aquisição do lote foi uma vitória muito importante, mas tiveram que enfrentar outras dificuldades, sobretudo no que tange aos problemas decorrentes de ausências de políticas públicas de linha de financiamento e de infraestrutura, especialmente em relação a: escola, posto de saúde, moradia, transporte, crédito para investir em estrutura produtiva, entre outros. Isto

significa que, estes sujeitos passaram por muitas adversidades, travaram luta cotidiana para se fixarem na terra conquistada e valer o direito adquirido. Essas lutas colaboraram para se pensar em alternativas que corroborasse para dinamizar a lógica produtiva local e de valorização do modo de vida rural, dos saberes e costumes desses sujeitos.

Levando-se em consideração esses aspectos, o objetivo dessa investigação foi de analisar a produção do território a partir de alternativas encontradas por estes sujeitos que estivesse relacionada diretamente ou indiretamente a prática do turismo.

No que se refere aos procedimentos metodológicos foram utilizados a pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. Segundo Colognese e Mélo (1998, p.143) vem nos dizer que a entrevista é um processo de interação social que tem por finalidade a aquisição de informações de valor expressivo para o andamento da pesquisa. Além disso, há uma interação entre o entrevistador e o entrevistado onde esse contato próximo poderá desvelar outras informações que não poderiam ser percebidas em outro momento. É “uma conversa interessada”, no qual o entrevistador desempenha a função de orientar a fim de se ter um conhecimento sobre “o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados, tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo”.

De acordo com Becker, não há uma regra para direcionar a conversação na entrevista, pois cabe ao entrevistador utilizar “aquelas táticas que parecem ter maior probabilidade de trazer à tona o tipo de informação desejada” (1999, p.95). Isso também é percebido por Meihy, ao afirmar que é bom que se estabeleça um contato prévio com o entrevistado, a fim de estabelecer uma relação de confiança (2002). Por isso que se optou por utilizar as entrevistas semiestruturadas já que seria possível direcionar o diálogo entre entrevistado e pesquisador, sem, contudo, deixar de lado o roteiro com questões pertinentes.

Em virtude disso, vale lembrar, que o pesquisador deve procurar ser o mais agradável possível para que as pessoas sempre o queira tê-lo por perto, e assim, estabeleça um diálogo mais próximo para que a conversa flua ‘desinteressadamente’ (FOOTE – WHYTE, 1980), sobretudo porque o entrevistado, detém as informações que são indispensáveis, pois, não tão somente “porque testemunham fatos e acontecimentos, mas também porque atestam relações implícitas, tensões, conflitos, sentimentos e ideologias que revelam os traços de uma época e seu contexto” (COLOGNESE e MÉLO, 1998, p.145).

Cabe lembrar que, segundo Thiollent (1980), Colognese e Mélo (1998), Becker (1999), Meihy (2002) e Gibbs (2009), na realização de uma pesquisa, seja qual for a metodologia, não há neutralidade, as perguntas do entrevistador e as respostas dos entrevistados estão cheias de significados e de intencionalidade. Em face a essa realidade, caberá ao entrevistador superar esse problema, além de outros, apontados por Colognese e Mélo, tais como, o uso de linguagem denotativa ou conotativa, o caráter de censura estabelecido pelas perguntas elaboradas, das posições sociais dos quais e nos quais o discurso é retratado (1998).

Ao total foram realizadas entrevistas com a Divisão Municipal de Turismo, Eventos e Cultura de Rosana-SP, o grupo de Folia de Reis, a Roda de Viola, Museu de Memória Regional e Usina Hidrelétrica Eng. Sérgio Motta.

Estes foram selecionados por ser a gestão municipal que trabalha diretamente com o turismo; a Roda de Viola e a Folia de Reis, pois retratam a territorialidade cultural mais expressiva do assentamento Gleba XV de Novembro, além disso, a Folia de Reis foi inserida no roteiro de turismo regional denominado Circuito Turístico Oeste Rios, no qual o Município faz parte; o Museu e a Usina porque são considerados pela gestão local, os atrativos consolidados no Município, por também fazerem parte do mencionado circuito turístico, por receberem anualmente uma quantidade significativa de visitantes (aproximadamente mil pessoas por ano),

possuírem estrutura para acolher os visitantes e, além disso, dispõem de autonomia para gerir a visitação independente da atuação da gestão municipal.

As entrevistas foram realizadas entre meses diversos, pois a não padronização do período não prejudicaria a realização da mesma, além disso, estas foram agendadas respeitando a disponibilidade dos entrevistados. No que se refere a identificação dos nomes, apesar do consentimento dos entrevistados para a sua divulgação, optou - se por preservar a identidade dos mesmos, no qual foram substituídos pelo nome do grupo que representam.

As entrevistas foram substanciais para entender o processo de produção do território e na identificação das territorialidades presentes no espaço rural do Município em questão.

O TERRITÓRIO TURÍSTICO E AS TERRITORIALIDADES

Os diversos estudos sobre o desenvolvimento do turismo como atividade econômica tem demonstrado como a mesma se apropria e traz transformações aos locais, tanto positivamente quanto negativamente, sobretudo, dos impactos negativos, principalmente quando a mesma é inserida sem o planejamento e sem a participação da comunidade. Em virtude disso, o turismo fraciona o espaço deixando a população local a margem do território turístico. Entretanto, cabe lembrar que no caso de Rosana-SP, pode-se dizer que, já havia um território antes mesmo da atividade do turismo ser implementada no local, especialmente pela demarcação socioterritorial de quem residia no distrito de Primavera em detrimento de quem morava nos assentamentos rurais, sobretudo pela discriminação por quem era assentado.

Em face a essa realidade, pode se afirmar que a atividade econômica do turismo já encontrou um local, ou melhor, um território, definido pela presença de conflito: territorial; por busca de melhores condições de vida; por alternativa que melhorasse a renda das famílias assentadas; luta pela valorização do modo de vida rural, de sua cultura; entre outros. Em virtude das dificuldades encontradas e enfrentadas que os assentados viram no turismo, uma possibilidade, ainda que minúscula, de complementar a renda e sobretudo, valorizar o seu modo de vida, o saber fazer e suas manifestações culturais.

O estudo do turismo, dessa forma, se faz necessário porque, segundo Cruz, o **“turismo é a única prática social que consome elementarmente espaço”** (2003. p.5, grifo da autora). Levando em consideração o exposto, a investigação é importante para compreender como a comunidade se insere ou não nesse processo.

Para Rodrigues (1997), os espaços turísticos evoluem por um processo de ondas de ocupação e apropriação que frequentemente são ditadas pela moda ou originadas pelo consumo do espaço, o que na maioria das vezes acarreta em degradação e destruição dos recursos, além da segregação espacial.

Para Coriolano (2006, p. 31), a introdução do turismo com o caráter puramente economicista, é uma inquietação, pois a atividade do turismo tem sua origem no próprio seio do capitalismo, implicando, dessa forma, um espaço produzido para a reprodução capitalista, especialmente porque apropria e expropria a comunidade local. Assim, entender o turismo dentro das forças hegemônicas do capitalismo é crucial para compreender todo o complexo sistema que o molda e também para se pensar em alternativas que vão de encontro com as necessidades da comunidade local.

Por sua vez, a intensificação do uso turístico no espaço geográfico culminou com a criação e concentração espacial de objetos entendidos como parte da infraestrutura necessária para o desenvolvimento da atividade, tais como: meios de hospedagem, restaurantes, equipamento de prestação de serviços e a infraestrutura de lazer. “Esse processo de apropriação dos **espaços** pela prática social do turismo está na gênese dos **territórios** turísticos” (CRUZ, 2003. p.12, grifo da autora). Contudo, é salutar que a instalação de infraestrutura não significa

necessariamente malefícios à comunidade, podendo também ser um ponto positivo, já que estes equipamentos podem atender à necessidade da população.

Não obstante, o território não pode ser resumido ao conjunto de elementos instalados para o turismo. Entretanto, é substancial compreender que um dos maiores bens do território são as pessoas que ali moram, que criam suas territorialidades, que preenchem de vida e cor os locais. São esses sujeitos que tecem outras relações que, não tão somente, a turística, e que dão vigor a alma do lugar. Essas relações são condicionadas pelo uso efêmero do lugar, ditada pelo uso turístico, mas também permeadas pela cotidianidade e sociabilidade por quem vive nesse lugar (CRUZ, 2003).

Para Moreira (2007), o território é um recorte espacial, que dará ao local um caráter diferencial, uma marca ao lugar, que se fará presente no poder, nos sujeitos, nas tramas das territorialidades, no conjunto de arranjos que extrapolam o conceito e a existência do poder para além do macro poder do Estado.

Nesse contexto, pode se afirmar que, Rosana é um território, já que por meio do conflito surgiram os assentamentos, como locais demarcados pela presença dos movimentos sociais de luta pela terra, mas, principalmente, pelas territorialidades criadas pelos assentados para permanecerem no lugar e valorizar o seu modo de vida, tais como a Folia de Reis e a Roda de Viola.

Pode-se dizer que, a territorialidade está atrelada a simples ideia de fazer parte de um território. Nos dizeres de Andrade, a territorialidade é uma expressão que pode ser vista como tudo aquilo que se encontra dentro do território e por isso está sujeita à gestão do mesmo, ou como “processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar ao território” (ANDRADE, 1996, p. 214).

Para Souza (2006), a territorialidade é que dá a marca ao local, que o determina como um território. Dessa forma também traz a noção de conflitualidade, mas conclui ao referir a territorialidade como algo subjetivo, abstrato e indefinido.

[...] A territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, de acordo com o que se disse há pouco, *relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial*. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica etc. [...] (SOUZA, 2006, p.99).

A partir da reflexão de Corrêa (1996, p. 251-252) o entendimento de territorialidade está relacionado ao “conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantirem a apropriação e permanência de um dado território por um determinado agente social, o Estado, os diferentes grupos sociais e as empresas”. Esse entendimento não desqualifica os demais, ao contrário, complementa-os.

Para Souza, o singular da palavra territorialidade faz alusão mais abstrata do que faz o território, subentendido como aquele regrado “pelas relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial”. Já, o uso do termo territorialidades, no plural, traz um entendimento de como esses territórios podem ser qualificados a partir de elementos, tais como propriedades, dinâmica, etc. (2006, p.99).

Consoante a isso, Saquet, afirma que o território “é produto das relações sociedade-natureza e condição para a reprodução social; *campo* de forças que envolvem obras e relações sociais (econômicas, políticas e culturais) historicamente determinadas”. O território é fruto e decisivo na reprodução da relação sociedade-natureza e, conseqüentemente da territorialização,

sendo resultado do processo de interação dos grupos ou das classes sociais com suas territorialidades cotidianas, num constante devir (2011, p.26-27).

As territorialidades, segundo Saquet (2011) podem ser econômicas, políticas e culturais. Todas são, concomitantemente, consequência dos condicionantes e caracterizadoras da territorialização e do território numa oscilação constante de desterritorialização e reterritorialização, a partir das relações sociais, das apropriações e das demais práticas espaço-temporais. Em virtude disso, as territorialidades definem cada território, “influenciando, ao mesmo tempo, na sua própria reprodução (com rupturas e permanências), a partir do território formado, isto é, são influenciadas pelo território em cada relação espaço-tempo” (p.27).

Para Raffestin (1993), a territorialidade, expressa o local do vivido, das manifestações das experiências dos indivíduos com o território que habita, assim,

[...] adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159).

Levando em consideração o exposto, a territorialidade que emana do assentamento rural de reforma agrária em voga, em concordância com os conceitos aqui trazidos, refere-se as práticas comunitárias como alternativas de sobrevivência, são elas, a Folia de Reis, a Roda de Viola, dentre outras.

RESULTADOS: ALGUNS INDÍCIOS

No que tange o turismo, o seu planejamento é indispensável para se entender as relações de poder na implementação, o qual implica, fundamentalmente, compreender o espaço como algo socialmente produzido, que expressa às contradições do modo de produção capitalista ou do espaço-mercadoria. Ele é a um só tempo, o lugar das estratégias para o capital e das resistências do cotidiano para os habitantes (CORIOLANO, 2006).

Por isso, afirma-se que, apesar da Folia de Reis estar presente no Circuito Turístico Oeste Rios, não há uma articulação entre este e os demais atrativos, tais como a Usina Hidrelétrica e Museu de Memória Regional, ou seja, estão a margem desse processo de desenvolvimento turístico.

Outro fator importante é que a região do Pontal do Paranapanema não há uma vocação para o turismo, por isso, a iniciativa que se tem feito nos assentamentos no que se refere ao turismo, por iniciativa dos próprios assentados é a visitação de grupos escolares, que demonstraram alguns resultados favoráveis.

Quanto a políticas públicas que reverbere para a questão das territorialidades culturais, a partir das entrevistas realizadas, percebeu-se que são inexistentes no Município, sobretudo, no que tange ao assentamento rural, a Folia de reis e Roda de Viola.

Com as análises das entrevistas, observou-se que, a preocupação com o planejamento e a busca por um turismo responsável foi notório, por parte da gestão municipal, mas que ainda não se efetivou de fato.

O turismo implementado em Rosana-SP, está circunscrito ao distrito de Primavera, basicamente com a visitação apenas a Usina Hidrelétrica e ao Museu, muitas vezes pode ocorrer de visitarem apenas um ou outro e descolado de outros atrativos, como por exemplo, o balneário e os assentamentos. Não há uma gestão para o turismo que contribua para integrar esses atrativos consolidados com outros menos valorizados, não tão somente com o assentamento rural, mas com outros locais no Município. Entretanto, os entrevistados demonstraram interesse em articular um roteiro de visitação que englobasse a Folia de Reis e a Roda de Viola.

Observou-se também, além da Folia de Reis e da Roda de Viola, a presença da culinária rural marcada, em sua maioria, por pratos à base de galinha caipira, porco no tacho e doces caseiros.

Constatou-se também, que, os entrevistados da Folia de Reis e da Roda de Viola, tinham a esperança de que, com o turismo, poderia haver a valorização dessas territorialidades culturais, bem como do modo de vida rural, entre outros.

Entendem - se que, apesar de haver uma articulação dos assentados para dinamizar a renda por meio do turismo, se faz necessária a presença do poder público para melhorar o acesso ao assentamento, a sinalização dentro do assentamento, dentre outras medidas.

A sensibilização da comunidade é parte importante na implementação do turismo, haja vista, que ela é o elemento indispensável para a elaboração do planejamento turístico. Por isso, a comunidade deve ser atuante em todo o andamento do processo de desenvolvimento do turismo, o que não foi percebido nas falas dos entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que, a partir das análises das entrevistas concedidas que a atividade do turismo é vista como uma alternativa por todos os entrevistados, apesar de existirem diferentes interesses pela mesma. Entretanto, a elaboração do planejamento territorial e do turismo, com vistas as políticas públicas, seriam de suma importância para permitir que o produtor rural permaneça no campo, com acesso a infraestrutura básica, tais como, saneamento básico, transporte, saúde, educação e segurança.

O turismo, só dará certo se estiver pautado no bem-estar de todos, não tão somente, naquele que é diretamente beneficiado pela atividade, mas, sobretudo, por aqueles que precisam de maior atenção do poder público.

Tendo em vista os aspectos observados, dentro dos limites que afere ao turismo e levando em consideração as desigualdades regionais existentes em microescala quanto em macro escala, que não seja possível negar os impactos decorrentes do turismo, por isso que o seu planejamento é substancial, para que assim, os impactos sejam minimizados, já que não se poderá se isentar de sua presença. Nesse sentido, o termômetro desse processo sempre será a população local, pois a mesma dará sinais do que está bom e o que precisa ser melhorado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel C. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria A.; SILVEIRA, Maria L. (Orgs.). **Território: Globalização e fragmentação**. 3 ed. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1996. p. 213-220.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

COLOGNESE, S.A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v.9, p. 143-159, 1998.

CORRÊA, Roberto L. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria L. (Orgs.). **Território: Globalização e fragmentação**. 3 ed. São Paulo: Hucitec/ ANPUR, 1996. p. 251-256.

- CORIOLOANO, Luzia N. M. T. Espaço, poder e exclusão: contexto econômico-social do patrimônio cultural turistificado. In: MARTINS, Clerton. (org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006, p.31-37.
- CRUZ, Rita de C. A. **Geografia do Turismo**. 2 ed. São Paulo: Roca, 2003.
- DATALUTA. **Banco de dados da luta pela terra do Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente, 2013. Disponível em: <
http://www2.fct.unesp.br/nera/projetos/dataluta_pontal_2012.pdf>. Acesso em 10 out. 2014.
- FERRANTE, V. L. S. B.; BARONE, L. A.; BERGAMASCO, S. M.P. A maioria dos assentamentos rurais em São Paulo: impasses do presente, dilemas do futuro. In: FERRANTE, V. L. S. B.; ALY JÚNIOR, O. **Assentamentos rurais: impasses e dilemas**. São Paulo: INCRA, 2005. p. 37-69.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 77-86.
- GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.
- LEITE, J. F. **A ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002, 246p.
- MOREIRA, Ruy. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, Milton et. al. **Territórios, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 72-108.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RODRIGUES, Adyr B. **Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente do Governo do Estado de São Paulo. **Pontal do Paranapanema: zoneamento ecológico-econômico**. São Paulo: [s.n], 1999.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial**. São Paulo: outras expressões: 2011.
- SOUZA, Marcelo J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p.77-116.
- THIOLENT, M. J. M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Editora Polis, 1980. (Coleção Teoria e História 6).